

## A Interatividade como Processo da Avaliação da Aprendizagem na Educação Online: Concepções Docentes<sup>1</sup>

Renata Araújo<sup>2</sup>  
Sergio Abranches<sup>3</sup>

### Resumo

Este trabalho é parte de pesquisa de mestrado concluída sobre a Interatividade como processo da Avaliação da Aprendizagem na Educação Online. Discute a visão das docentes da disciplina de Metodologia 3 de um curso de licenciatura a distância, sobre o avaliar a aprendizagem no contexto online, considerando a interatividade como processo da mesma. Como metodologia, realizamos entrevistas com as docentes e para a análise dos dados, nos baseamos na Análise de Conteúdo. Os resultados mostram que as docentes, apesar de pontuarem dificuldades de avaliar no online, principalmente pelo grande quantitativo de registros escritos nas interfaces e o não auxílio do ambiente virtual de aprendizagem neste olhar qualitativo do processo avaliativo, concebem e consideram a interatividade como processo da avaliação da aprendizagem, o que é bastante inovador, contribuindo assim para um novo olhar sobre o avaliar na Educação Online.

**Palavras-chave:** Concepções Docentes. Interatividade. Avaliação da Aprendizagem. Educação Online.

### Introdução

As tecnologias no decorrer de todo o processo histórico da humanidade demarcaram as mudanças da sociedade (KENSKI, 2006) e na atualidade com o processo de globalização e surgimento da rede das redes, a internet, não diferimos deste contexto, passamos por novas e constantes mudanças oriundas de nosso adentrar na Sociedade Digital. Vivenciamos uma nova cultura, a partir da segunda metade do século XX, a partir da convergência das telecomunicações com a informática, a Cibercultura, “uma nova forma sócio-cultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica” (LEMOS, 2003, p. 12), e a educação como parte fundamental da sociedade é também influenciada por este momento.

<sup>1</sup> Artigo apresentado no Eixo 1 – Entretenimento Digital do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância- UFRPE/Docente do Ensino Fundamental e Coordenadora Pedagógica em Escola Municipal da Prefeitura da cidade do Recife.

<sup>3</sup> Professor associado do Centro de Educação - Universidade Federal de Pernambuco.

Este novo universo das redes traz um cenário totalmente amplo, complexo e de possibilidades infinitas, o Ciberespaço, “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 92). Deste modo, a educação passa a ser ressignificada neste contexto, através de uma abertura inovadora de um canal comunicativo sem fronteiras tempo-espaço, a partir da interatividade, uma nova lógica de interação via interfaces síncronas e assíncronas nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Sendo definida por Silva (2002) como a disponibilização consciente de um mais comunicacional expressivamente complexo promovendo mais e melhores interações, a interatividade potencializa o processo educativo, a partir deste universo das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs).

Assim emerge a Educação Online (EOL), a qual não é uma evolução da EAD, mas vista como um fenômeno da cibercultura, segundo Santos (2010), sendo considerada como outra modalidade, possibilitada pela web 2.0, distanciada da visão de educação tradicional, unidirecional e de distância física e cognitiva entre docentes e discentes, que impregna ainda a Educação à distância (SILVA, 2011). Ainda de acordo com Silva (2011), a EOL abre possibilidade para a coautoria e o construcionismo<sup>4</sup> em rede, fazendo com que a educação culmine em um processo dialógico, colaborativo, de autoria, formativo, bases para a concretização de uma educação humanizadora e cidadã.

A partir desta mudança conjuntural na forma de se pensar e fazer educação com a Educação Online, que tem como cerne a interatividade, novas perspectivas se abrem para o processo de ensino aprendizagem. Entretanto, há algumas lacunas que ainda perpassam este processo por ser algo inovador, e uma destas questões que nos fazem inquietar se coloca no âmbito da avaliação da aprendizagem. De acordo com Nunes e Vilarinho (2006, p. 110) no que se refere às práticas avaliativas no online, “o que encontramos, de um modo geral, são avaliações somativas, centradas em tarefas e provas que exigem mais memorização do que construção do conhecimento”, o que é um fator preocupante, pois descaracteriza o conceito de Educar Online.

<sup>4</sup> Segundo Papert (1994), ele é a abordagem em que o computador é usado como uma ferramenta para que o aluno possa construir seu conhecimento, pois para o autor a inserção das tecnologias na sala de aula tem muito a contribuir para a formação das crianças.

A Lei 9394/96-LDB (BRASIL, 1996) no item V do capítulo 24, concernente à Educação Básica, defende como princípio avaliativo a avaliação de cunho processual no ensino aprendizagem. Contudo, o Decreto 5.622 de 2006 (BRASIL, 2006) no seu artigo 4 versa sobre o modo de se avaliar em educação a distância no sentido oposto, pontuando que a avaliação do estudante “para fins de promoção, conclusão de estudos ou obtenção de diplomas ou certificados dar-se-á no processo mediante cumprimento das atividades programadas e realização de exames presenciais”. Além disto, prega na alínea dois que “os resultados dos exames presenciais deverão prevalecer sobre os demais resultados obtidos em quaisquer outras formas de avaliação a distância”, o que vai de encontro a toda a filosofia construtivista que pode embasar a modalidade educativa online.

De tal modo, as barreiras legislativas que se colocam e as dificuldades na prática de se fazer avaliação no online, um ambiente educativo novo e que os docentes estão a se apropriar de sua lógica e possibilidades, não pode nos impossibilitar de pensar e concretizar novas formas de avaliar neste novo universo. Uma nova forma de conceber o educar requer práticas avaliativas condizentes com este propósito.

Compreendemos que a partir das múltiplas e novas interfaces imbuídas neste novo ambiente virtual de aprendizagem, como chats, fóruns de discussão, webquest, webconferência dentre outras, que possibilitam a interatividade, o docente pode avaliar os discentes de forma processual ao ensino e aprendizagem acompanhando tais registros escritos destas interações, que perpassam nestes espaços, e assim construir seu olhar sob como está se dando a construção do conhecimento pelos seus alunos.

Assim, a interatividade, possibilitada pelas interfaces tecnológicas existentes no interior dos AVAS, pode ser um meio mais coerente de avaliar o aprendizado dos discentes na Educação Online, contudo estas interfaces estão sendo subutilizadas em virtude de ainda se priorizar os modos tradicionais de se conceber a avaliação pelos docentes. Esta questão se torna ainda mais preocupante quando se trata da reprodução desta práxis nos cursos de licenciatura, que é o berço formativo dos futuros educadores.

De tal maneira, buscaremos contribuir com a discussão desta importante problemática do universo da Educação Online, a partir da concepção das docentes da disciplina de Metodologia 3, de um Curso de Licenciatura a Distância da UFPE, acerca da interatividade como processo da avaliação da aprendizagem, de modo a compreender

as lacunas que se colocam para concretizarmos novas formas de se fazer avaliação no online e, por conseguinte, modificarmos o paradigma avaliativo.

## **A Educação Online em Foco**

Para além da terminologia utilizada pela maioria dos teóricos na atualidade, Santos (2010) e Silva (2011) usam para designar o momento atual da educação a distância o termo Educação Online (EOL). A Educação Online é uma modalidade educativa que muito tem a contribuir para a universalização e a democratização do ensino de qualidade, contudo se faz necessário aprofundar a discussão no sentido de que se possa avançar de forma sólida na compreensão do que seja tal modalidade na prática, principalmente conforme coloca Silva (2011, p. 5) na necessidade de investir na formação para docentes online e investir na inclusão digital no cenário da Ciberultura. Em relação a esta realidade, Santos (2010, p. 43) coloca que “os fundamentos da ciberultura são pouco conhecidos e vivenciados pelos educadores e gestores, que fazem das TICs digitais online meramente recursos didáticos situados na lógica da mídia de massa”, e acreditamos que esta realidade precisa ser superada.

Com a interatividade em foco, configuram-se inovações significativas no processo educativo, na forma de ensinar, aprender, de acessar informações, construir conhecimentos. A interatividade é o foco do cenário atual da Educação Online, que apesar desta interatividade existir no educar presencial, toma novas forças com o advento dos recursos tecnológicos da informação e comunicação, com a telemática, modificando não apenas o significado da própria palavra interatividade e a lógica da comunicação como também e principalmente as práticas educativas. De tal modo, Silva (2002, p. 20) define que

A interatividade é a disponibilização consciente de um mais comunicacional de modo expressivamente complexo, ao mesmo tempo atentando para as interações existentes e promovendo mais e melhores interações – seja entre usuário e tecnologias digitais ou analógicas, seja nas relações (presenciais ou virtuais) entre seres humanos.

Os AVAS mesmo contendo diversas interfaces como chats, fóruns, videoconferência, webquest, diário de bordo dentre outras que possibilita a interatividade, ou seja, predisposição dos sujeitos a falar, ouvir, participar, comunicar, cooperar, pode não ser interativo devido ao fato dos atores do processo educativo não participarem, e neste sentido nos fala Faria (2006, p. 59):

Na medida que não há participação, o curso virtual não é interativo. Portanto, de nada adianta o ambiente virtual apenas disponibilizar ferramentas de comunicação interativas. É necessário que haja bom trânsito entre professor-aluno, retroalimentação sistemática, estímulo à participação, estilo de comunicação do professor, conhecimento e utilizador das ferramentas de comunicação pelo professor.

De tal maneira, para que haja o processo educativo online é preciso que a interatividade seja um processo vivo, constante, que os agentes utilizem as interfaces de comunicação disponíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem em busca de construir o conhecimento de forma colaborativa e interativa. Assim, é imprescindível que alguns fatores sejam considerados para que haja a interatividade nos AVAS, os quais são “modelagem bem planejada e implementada, professores capacitados para serem mediadores, alunos colaboradores, equipe do curso formada por profissionais também capacitados e facilidade de acesso a equipe” (FARIA, 2006, p. 60).

Apesar de em seu discurso filosófico de ensino aprendizagem adentrarmos um olhar da Educação Online como forma de interaprendizagem, de construção coletiva e contínua dos conhecimentos, a maneira como se tem materializado o processo de avaliação permanece impregnada de formas tradicionalistas e behavioristas, o que desconsidera os preceitos da Educação Online, colocando-a como educação de segunda categoria. Sobre esta problemática do avaliar online discutiremos a seguir.

### **Avaliação da Aprendizagem na Educação Online**

Podemos vislumbrar a avaliação por dois prismas teóricos: sob a abordagem conservadora e a transformadora, cada qual com suas nuances e formas diferenciadas de consolidar as práticas educativas. Em relação à abordagem conservadora, “o sentido da

avaliação assume o caráter classificatório baseado na quantificação e nos resultados” (CRUZ; CAVALCANTE, 2008, p. 49), e neste olhar, a avaliação acaba se concretizando como medição, de forma tecnicista, autoritária, objetiva e experimental, por um olhar unívoco do processo de ensino aprendizagem. A abordagem transformadora “é concebida, portanto, centrada na perspectiva formativa e reguladora das aprendizagens significativas” (CRUZ; CAVALCANTE, 2008, p. 52-53), o fenômeno avaliativo se dá de forma qualitativa/quantitativa, flexível, subjetiva, mediadora, processual ao ensino aprendizagem.

A legislação educacional (LDB 9394/96) é limitante e não reconhece a Educação Online em suas especificidades, tentando transpor o modo tradicional para esta modalidade, principalmente no que tange às práticas avaliativas, legitimando esta postura como forma de diminuir as incertezas da autoria do discente. Esta fragmentação do processo de aprendizagem do avaliar propõe uma ruptura segundo Alves (2003, p. 132):

Com a flexibilidade do espaço, uma vez que os exames devem ser prestados presencialmente. Também se rompe com a flexibilidade do tempo, uma vez que os alunos devem sincronizar seu ritmo de estudos aos prazos definidos para apresentação de resultados do processo de aprendizagem/assimilação. Entre outras inflexões, é considerável ainda a ruptura em temas de linguagem, multimidiática no caso dos sistemas EAD, em contraposição a práticas de avaliação centradas na expressão escrita, com base em instrumentos e técnicas alheios ao percurso da formação.

Pensamos a avaliação no online como uma forma de avaliar embasada pela interatividade, ou seja, a partir das potenciais interfaces de comunicação presentes no ambiente online (AVAS) e das trocas colaborativas estabelecidas pelos sujeitos; a partir destas, pode-se acompanhar o percurso cognitivo desenvolvido pelo aluno e assim potencializar seu processo de construção do conhecimento. Assim sendo, a avaliação passa a considerar o diálogo, a autoria, a criação e cocriação, a participação e a colaboração como elementos preponderantes para a concretização de uma Educação Online, ao invés de perpetuar o esquema clássico de avaliação classificatória e que não é coerente com tal modalidade educativa.

Para que avaliação tenha sentido no online o próprio processo de construção desta precisa também ser permeado pela interatividade, ou seja, a avaliação não pode ser algo pronto, posto do professor para o aluno, mas deve ser algo construído por

todos, resultante do diálogo de docentes e discentes, que devem ser atores, coautores em todos os sentidos de seu processo de aprendizagem.

## **Concepções Docentes Sobre a Avaliação da Aprendizagem**

Para obtermos as concepções das docentes sobre a avaliação da aprendizagem, realizamos análise de conteúdo seguindo as fases elencadas por Moraes (1994).

Antes de discutirmos os resultados, é imprescindível uma breve descrição do perfil das docentes bem como suas atribuições no contexto do educar online, dados que são importantes para compreensão mais aprofundada das concepções das mesmas sobre o avaliar da aprendizagem.

No que tange ao aspecto formativo, a docente A é Bacharel em Matemática e possui mestrado e doutorado na área da Educação Matemática. Já a docente B é Licenciada em Matemática e não realizou o mestrado, fazendo diretamente o doutorado em Didática da Matemática. Relativo ao âmbito das funções que as mesmas desempenham enquanto docente do curso de Licenciatura à distância em Matemática temos: a seleção e preparação de materiais, do conteúdo, de atividades pedagógicas, gerenciamento e design do ambiente virtual, uma vez que o suporte apenas cuida do layout básico do AVA e de problemas de acesso de usuários além do feedback e acompanhamento dos cursistas, pois não houve atuação da tutoria no AVA na disciplina pesquisada.

A partir de então, apresentaremos a análise de conteúdo da entrevista das docentes, que após todo o processo de seleção, tratamento, agrupamento das unidades chegamos às categorias a seguir: (A) Concepção de avaliação da aprendizagem, (B) Interatividade e o processo avaliativo e (C) Dificuldades no avaliar online. Iniciaremos a partir de então a descrição e a comunicação dos resultados encontrados

### **Categoria A - Concepção de Avaliação da Aprendizagem**

A categoria em questão retrata a percepção das docentes acerca do processo de avaliação da aprendizagem.

A avaliação do processo de ensino aprendizagem é definida pelas docentes como

um processo complexo, com funções e critérios diversos, onde se pode mapear o desenvolvimento dos discentes a partir dos objetivos traçados, conforme podemos visualizar nas falas

A avaliação é um processo né, um processo que você vai tentar ver diferentes aspectos, e por meio de diferentes aspectos você vai tentar mapear e contrastar os seus objetivos de ensino e o desenvolvimento do sujeito. Este mapeamento que é feito na avaliação ele serve para, na verdade a gente ver diferentes funções: quem está sendo avaliado, os objetivos, os descritores de desempenho, os critérios que você considera que, a que ponto você quer que o cara se desenvolva, os instrumentos de avaliação, os retornos, os instrumentos de sistematização desta avaliação (dar suporte, é fazer ou não uma avaliação mais qualitativa) e o tipo de retorno que você dá ao sujeito e a você mesma. É um processo bem complexo né. Então a avaliação não é isto ou é aquilo, diversos elementos vão compondo o processo avaliativo (Docente A).

Acho que a avaliação da aprendizagem é um recorte do processo de avaliação em jogo na situação didático pedagógica. A avaliação da aprendizagem diz respeito essencialmente a uma apreciação das aquisições dos dantes em relação aos conteúdos em foco na disciplina e à identificação dos entraves que persistem ou que aparecem. No caso de disciplinas como as metodologias do ensino da matemática, a gente traça alguns objetivos de aprendizagem que remetem a gestos profissionais como, por exemplo, interpretar textos oficiais de orientação curricular, classificar situações de estruturas aditivas ou conectar experiências pessoais com os conteúdos dos textos sugeridos (Docente B).

Percebemos que o processo avaliativo é composto de elementos diversos, que existem objetivos, critérios, e dependendo dos mesmos, variam os instrumentos de avaliação, e, além disto, dá uma visão dos entraves que se colocam no processo de aprendizagem, de modo a que os docentes possam redirecionar o caminhar da disciplina. Vemos ainda que a avaliação e seus resultados devem ser compartilhados com os discentes, e que também o docente se utiliza deste recurso.

Podemos afirmar a partir dos dados que a concepção de avaliação não subjaz um processo de reprodução do saber, pois vemos que há a preocupação de favorecer aos discentes a construção do conhecimento, flexibilizando os prazos se necessário for, como pontuado pela docente A, e de tal modo contribuindo para melhorar as aprendizagens em curso (PERRENOUD, 1999).

Compreendemos que a concepção da avaliação da aprendizagem se direciona ao paradigma construtivista de avaliar, que considera o aspecto formativo como primordial e se consolida como reguladora das aprendizagens significativas, respaldando-se na mediação e no diálogo entre os pares (CRUZ; CAVALCANTE, 2008, p. 52-53). A avaliação também é considerada como um processo de aprendizagem para ambos sujeitos diretamente afetados por ela, docentes e discentes (HOFFMANN, 1996; ÁLVAREZ MÉNDEZ, 2002), uma vez que seus resultados não servem para classificar, mas são fontes de conhecimento para o aluno, que reflete sobre o seu processo de desenvolvimento e os docentes, que repensam seu planejamento, objetivos, estratégias adotadas em função simplesmente de promover aprendizagem, sentido maior de um processo avaliativo conforme defendemos neste trabalho.

A questão do uso da avaliação para o feedback aos discentes é de suma importância, primeiramente por estes serem os mais interessados e afetados no processo e por tal necessitam ter este retorno. E em segundo ponto, sabemos que o feedback dado pelo professor, ou seja, esta mediação docente no decorrer de todo o processo de ensino aprendizagem, faz com que os alunos se motivem a interagir, refletir, posicionar-se criticamente frente aos conhecimentos propostos a serem debatidos, que seja ator do seu processo de desenvolvimento. Podemos inferir dos dados que a avaliação e a mediação andam juntas, são processos que se inter-relacionam o que é fundamental para a construção significativa de aprendizagens pelos discentes.

Em relação à questão da autoavaliação, as docentes pontuaram que não realizaram tal prática com os discentes, e nem estes participaram da construção do processo avaliativo. Assim, consideramos que seria de grande valia se ambos fossem praticados com os discentes e principalmente que estes pudessem participar da construção do processo avaliativo, uma vez que este participar faz com que os alunos possam se comprometer com o seu processo de desenvolvimento.

A partir de então passaremos a discutir nossa segunda categoria.

### **Categoria B - Interatividade e o processo avaliativo**

Esta categoria emergiu quando constatamos a relação que as docentes estabeleceram entre a interatividade e a avaliação da aprendizagem.

A interatividade é colocada pelas docentes como um fator que influencia diretamente o processo avaliativo, como podemos ver nos extratos:

A interatividade é uma característica do ambiente, da metodologia, ou seja, da situação que está sendo interada ali, e ela tem toda uma característica interativa, não é só do ambiente, de uma ferramenta, mas é do uso que se faz daquela ferramenta. E com certeza ela tem toda a influência na aprendizagem e na avaliação e na aprendizagem (Docente A).

A interatividade é a capacidade de ouvir o outro, de refletir sobre o que o outro diz, de levar em consideração o pensamento do outro na sua própria reflexão e de se expressar em relação aquele pensamento que está sendo expresso né. A interatividade, do ponto de vista cognitivo, quando você pensa sobre o pensamento do outro, quando você tenta se expressar e defender um argumento, isto é altamente formador....E tem o aspecto também do quanto o ambiente permite que isso aconteça. Pra mim ela influencia na avaliação com certeza. A gente muitas vezes colocou isto, a preocupação em relação a alguns alunos...Tinham alunos que desconsideravam o que era colocado pelos outros (Docente B).

A visão da interatividade colocada pelas docentes é elencada por dois primas: um primeiro que caminha no sentido da relação entre os pares, a capacidade de dialogar, debater, trocar, construir colaborativamente, e o segundo que se direciona ao aspecto técnico, das possibilidades que o AVA disponibiliza para que esta interatividade aconteça. Contudo, percebemos que o foco da interatividade se centra no aspecto relacional, da importância da comunicação entre os pares, de compartilhar conhecimento, de construir colaborativamente o saber, de ouvir o outro, o que segundo as mesmas é um fator preocupante, pois muitos discentes não compreenderam a importância da interatividade e desconsideraram o olhar do outro em seu processo de construção do conhecimento.

A influência da interatividade se dá na aprendizagem, segundo a docente A, que também salienta que tanto as interfaces do AVA quanto a metodologia necessitam ter cunho interativo, pois caso contrário a interatividade não se consolidará. Novamente é pontuada a questão da possibilidade do AVA permitir tal interatividade e o quanto esta é importante na construção do conhecimento dos discentes e em sua própria avaliação, o que de acordo com a docente B foi uma das preocupações da disciplina e uma das questões bastante trabalhada pelas docentes com os alunos, como forma de evitar que os

mesmos não vivenciassem este rico processo de interatividade no AVA, fazendo apenas a avaliação presencial e obtendo a aprovação.

De acordo com Netto (2006), um ambiente virtual de aprendizagem que seja contextualizado, prático e de fácil uso, autoexplicativo, com interfaces adequadas certamente facilita a interatividade. No entanto, estas interfaces sozinhas não irão promover a interatividade. É realmente necessário que a sala de aula virtual seja um lugar onde se desenvolve a inteligência coletiva (MORAN; MASSETO; BEHRENS 2009) e, para tal, uma metodologia de trabalho que incentive a colaboração, ao compartilhar, trocar conhecimentos, será fundamental para, junto às interfaces, auxiliar na concretização da interatividade.

No que se refere à possibilidade de utilizar as interfaces para avaliar, ambas as docentes salientam que elas podem ser usadas no intuito de perceber as produções e construções de conhecimentos realizados pelos discentes, mas colocam alguns fatores limitantes como a ferramenta Moodle que não auxilia em um avaliar qualitativo a partir de um cruzamento de dados e que as interfaces não conseguem mostrar o aprendizado do aluno.

De tal modo, percebemos que apesar de algumas limitações que perpassam a um avaliar qualitativo na modalidade online, os registros dos discentes nas diferentes interfaces do AVA são preponderantes para o processo avaliativo, pois é fonte de conhecimento do caminhar dos discentes ao longo da disciplina. Os docentes podem conhecer a partir de tais registros as dificuldades e os avanços e redimensionar a sua prática de modo a concretizar um processo educativo significativo, baseado na interatividade e na colaboração. No entanto, como o Moodle não facilita este cruzamento de critérios, o processo de avaliar, considerando a interatividade, requer uma dedicação, um trabalho árduo por parte do docente, e principalmente, um menor número de alunos para acompanhamento, o que já é um fato que precisa ser repensado, pois a maioria das turmas nesta modalidade possui um quantitativo considerável de alunos, dificultando efetivar uma prática avaliativa que tenha a interatividade como base.

Contudo, mesmo existindo dificuldades, o mais importante é a visão, considerada pelas docentes, que é possível utilizar a interatividade como processo da avaliação da aprendizagem.

Passaremos a partir de então para nossa última categoria emergida da análise de conteúdo das entrevistas das docentes.

### **Categoria C - Dificuldades no avaliar online**

Esta categoria emergiu pela constante pontuação das docentes no que tange às dificuldades que se colocam para a concretização da avaliação na Educação Online.

A avaliação é colocada pelas docentes como um processo que apresenta certa dificuldade, conforme vemos nos relatos

Eu acho que a dificuldade é a mesma do presencial, e acho que é até mais fácil né, que você tem, tudo está registrado. No presencial não, muita coisa é memória. A única coisa ruim é que é tanta coisa registrada (Docente A).

As dificuldades são a questão dos sistemas de representação para a matemática e de o ambiente dar um parecer geral sobre o que os alunos desenvolveram (Docente B).

A avaliação é vista como um processo complexo, seja na modalidade presencial ou online; em contrapartida, sendo no online há uma carga maior no que tange aos registros dos discentes. Por um lado isto é favorável, por trazer elementos primordiais para o processo de avaliação que na modalidade presencial não se consegue obter, e por outro dificulta por o AVA não ter a possibilidade de emissão de um relatório que cruze os dados qualitativos necessários, que facilite a avaliação pelo docente, não auxiliando desta forma no olhar das docentes o processo avaliativo no online. Além desta questão, a docente B coloca as dificuldades no que tange ao sistema de representação matemática, da dificuldade de expressão por meio de outras linguagens.

Um último ponto elencado pela docente A como algo que se torna um obstáculo ao processo avaliativo na modalidade online é justamente fazer com que os alunos interajam no AVA, pois sem esta interatividade fica bastante complicado realizar qualquer tipo de avaliação do desempenho do discente, e para tal é necessário controlar e instigar para que realmente esta interatividade se concretize.

Contudo, é preciso que se respeite também o silêncio do discente, também denominado como interação vicária, pois o mesmo não significa que o aluno não esteja

aprendendo, segundo relato das docentes, e por tal mesmo não sendo o ideal ele tem tal direito. A interação vicária “é uma interação silenciosa em que o aluno observa as discussões e os debates, sem deles participar ativamente” (MATTAR, 2009, p. 117) e ao contrário do que se possa conceber é possível que o aluno esteja construindo aprendizagens a partir deste método, uma vez que o aluno pode nesta atividade mental estruturar, absorver e processar o conteúdo do curso. Em contrapartida, consideramos a interatividade fundamental para o processo de construção do conhecimento e como tal devemos realizar o planejamento didático de modo a contribuir para que a expressão da interatividade entre os sujeitos em um curso online aconteça.

Percebemos que o processo avaliativo tem determinada peculiaridade no contexto online, e por ser uma realidade nova se apresenta como um grande desafio para a prática docente, principalmente por não se ter interfaces no AVA que auxiliem no processo qualitativo da avaliação da aprendizagem dos discentes, mas apenas quantitativo.

Assim, vemos que é necessário que se repense a forma como o desenho didático é estruturado, no contexto em questão, de modo a potencializar a interatividade, que é primordial para um processo de construção do conhecimento online e, por conseguinte, a avaliação da aprendizagem a partir desta.

## **Considerações Finais**

A avaliação da aprendizagem na Educação Online é um dos grandes desafios atuais para a docência, pois as práticas precisam ser repensadas de como a se adequar ao novo contexto educativo, ser coerente com a filosofia de interatividade e construção colaborativa do conhecimento a qual é o cerne desta modalidade de ensino.

As docentes pontuam uma concepção de avaliação no online coerente com o paradigma construtivista, sendo processual ao ensino e aprendizagem e com o intuito de favorecer as aprendizagens dos discentes bem como servir de base para o replanejamento da ação docente.

O avaliar neste âmbito é colocado como obstáculo pelas docentes devido primeiramente ao quantitativo de registros escritos dos discentes nas interfaces, que apesar de serem registros de grande valor para o docente por auxiliar na compreensão

das produções e construções de conhecimentos dos discentes, tornam complexo o processo de avaliar formativo pelo docente. Isto ocorre pelo fato do segundo obstáculo, o ambiente virtual de aprendizagem, o qual não auxilia no cruzamento dos dados para um avaliar qualitativo, emitindo apenas relatórios quantitativos. Além disto, a dificuldade de interfaces que possibilitem a representação matemática também é um grande obstáculo, pois dificulta a compreensão da evolução dos discentes uma vez que não possui as ferramentas necessárias para os alunos expressarem e construírem seu conhecimento.

A interatividade é vista pelas docentes como fundamental para o processo de avaliação da aprendizagem, contudo pontuam como outra grande barreira a ser superada a interação vicária ou silêncio virtual, pois só é possível caminhar para um paradigma que a interatividade seja processo do avaliar online se os discentes interagem, participam ativamente nas interfaces.

De tal modo, percebemos que apesar das dificuldades que perpassam o cenário avaliativo no online, podemos vislumbrar um novo olhar para as práticas avaliativas, a partir da interatividade, reforçando a necessidade de conceber uma outra forma de desenho didático, potencializando a interatividade, em prol do processo de construção do conhecimento online e, por conseguinte, da avaliação da aprendizagem.

## Referências

ÁLVARES MÉNDEZ, J. M. *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Tradução Magda Schwartzaupt Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. *Decreto nº 5.800*, de 08 de junho de 2006. Dispõe sobre o sistema Universidade Aberta do Brasil. Disponível em: <http://uab.capes.gov.br/images/stories/downloads/legislacao/decreto5800.pdf>. Acesso em: 21/10/11.

CRUZ, Fatima Maria L.; CAVALCANTE, Patrícia Smith. Avaliação da aprendizagem: anúncios e práticas nas abordagens conservadora e transformadora, no ensino presencial e mediado pelas tecnologias. *Revista de Educação*, Brasília n.148, 37. jul/set 2008.

FARIA, Elaine Turk (Org.). *Educação presencial e virtual: espaços complementares essenciais na escola e na empresa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtivista*. 19. ed. Porto Alegre: Mediação, 1996.

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

LEMOS, André. Ciberultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (org.). *Olhares Sobre a Ciberultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 12-23.

LÉVY, Pierre. *Ciberultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MATTAR, João. Interatividade e aprendizagem. In: LITTO, F.; FORMIGA, M. *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 112-120.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo: Limites e possibilidades. In: ENGERS, Maria Emília A. (org.). *Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação*. Porto Alegre: EDIPURS, 1994.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

NETTO, Carla. Interatividade em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. In: FARIA, Elaine Turk (org.). *Educação presencial e virtual: espaços complementares essenciais na escola e na empresa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 51-69.

NUNES, Lina Cardoso; VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. Avaliação da aprendizagem no ensino online em busca de novas práticas. In: SILVA, Marco; SANTOS, Edméia (orgs.). *Avaliação da aprendizagem em educação online*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 109-121.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANTOS, Edméia. Educação Online para além da EAD: um fenômeno da Ciberultura. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antonio (orgs.). *Educação Online: cenário, formação e questões didático-metodológicas*. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010. p. 29-48.

SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

\_\_\_\_\_. Formar professores para docência em cursos pela internet. *Anais do VI Seminário Internacional: as redes educativas e cotidianos na contemporaneidade*. UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, 06 a 09 de junho de 2011.